O TRABALHO DO ALUNO É APRENDER [COM ARTE]

THE STUDENT'S WORK IS TO LEARN, LEARN FROM ART

Flavia Amaral Rezende*

RESUMO

O *fazer* para a Matética de Papert não é um fazer qualquer, é um *fazer com arte*, uma EXPERIÊNCIA ESTÉTICA. O princípio matético central sugere deixar o aluno “fazer algo de seu interesse”, pois o trabalho do aluno é aprender, aprender *com arte*. Neste sentido, faz-se necessário conceituar o trabalho para o desenvolvimento do Ser e do Ser Social, em seus aspectos teleológicos, no significado dos processos de tomada de decisão durante o fazer para realizar um determinado fim e suas implicações para a consciência humana para transpormos o paradigma do Fazer e Compreender (cognitivista e epistêmico) para integrar numa única unidade do FAZER AO SER E CONVIVER PARA COMPREENDER, resgatando a ontologia do ser humano em processos educativos. A Matética na abordagem da estética de Lukács adquire um novo significado: tanto o aprender como o ensinar, enquanto trabalhos de alunos e professores, propiciam o desenvolvimento do *homem inteiramente*. Ao fazer sua obra de arte, alunos (e professor) podem desenvolver a consciência de *Si* (aprender a ser) ao mesmo tempo que ascendem a consciência *Para-Nós* (aprender a conviver) para compreender. Simultaneamente a este processo de apropriação, o aluno/professor toma consciência de *Si* (sua potência e se empodera) e, simultaneamente, ao tomar consciência do *valor adicionado* de seu trabalho, toma consciência do Ser para-Nós, do sentido social de seu trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Estética luckacsiana; Aprendizagem; Matética; Trabalho social; Consciência

ABSTRACT

Doing or making for Papert's mathetic is not making anything, it is to make art, an aesthetic experience. The central mathetic principle suggests let the student "make something of his own interest" because the student's work is to learn, learn from art. In this sense, it is necessary to conceptualize the work for the development of Being and Being Social in their teleological aspects, the significance of the decision-making processes for the do/make to accomplish a specific purpose and its implications for the human consciousness to overcome

* Doutora em Artes (IA UNICAMP) e professora Faculdades Atibaia, FAAT/SP. E-mail: flaviaoff@uol.com.br

the paradigm of Making and Understanding (cognitive and epistemic) to integrate a single unit of DO TO BE LIVING AND TO UNDERSTAND, rescuing the ontology of human beings in educational processes. The Mathetic by Lukacs aesthetic acquires a new meaning: both, students and teachers, to learn or how to teach, favor the development of man entirely. By doing your work of art, students (and teachers) can develop self awareness (to learning to be) at the same time amounting to Our awareness (to learning to live together) to understand. Simultaneously to this process of appropriation, the student and teacher take self consciousness (its power and empowerment) and simultaneously to become aware of *the added value* of their work, take to be Our awareness, the social meaning of their work.

KEYWORD: Lukacs's aesthetic; Learning; Mathetic; Social labor, Consciousness

1. APRENDER COMO TRABALHO¹

*“Quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender.
Quem ensina, ensina alguma coisa a alguém”.*
Freire (1999, p.25)

O conhecimento da realidade sempre foi, e ainda o é, tratado no mundo ocidental como algo alijado do Ser. Esta discussão permeia toda a História das Ideias dos gregos até nossos dias e é recente a abordagem interacionista de que o conhecimento não está nem no Sujeito nem no Objeto, mas na relação sócio-histórica entre os Sujeitos, uma relação dialética, que ao fazer transforma tanto o Ser quanto o Objeto.

É o processo de transformação do Ser, enquanto Ser Social que impulsiona o Conhecimento e não o contrário. A criatividade, a inventividade e a formatividade relegadas a um segundo plano pelo conhecimento positivo conformou e ainda conforma a cultura educacional há séculos. Entender, pois, como ontologicamente se constitui o Ser e o Ser Social é fundamental para reintegrar o homem moderno e para redirecionar os processos educativos na direção da estética, em especial a *matética* de PAPERT (1998, 2008) enquanto a arte de aprender.

¹ O presente artigo é parte da reflexão da tese de doutorado em Artes “Desvelando a estética em ambientes construcionistas de ensino e aprendizagem: uma experiência de inclusão de jovens no mundo do trabalho”, defendida pela autora no Instituto de Artes em fevereiro de 2011.

É necessário, portanto, fundamentar ontologicamente o trabalho do aluno que é aprender. Aprender *com arte*, segundo Papert ao definir sua Matética (PAPERT, 1998, 2008). Para isso, o trabalho do aluno deve estar envolto num ambiente que propicie a arte de aprender.

Aprender com arte implica liberdade de produção - de idealização em como fazer, da seleção dos elementos e da forma de fazer à sua materialização em "*obras de arte*", cujos os *meios* (insumos essenciais como o conhecimento acumulado, as tecnologias analógicas e digitais; a linguagem e os diferentes modos de fazer objetos) contribuam para que o aluno (e professor), de forma autônoma, tome(m) consciência aproximativa da "realidade" e se aproprie(m) do modo de fazer e do objeto realizado.

Mais sutil que o "trabalho", que é uma produção de caráter objetivo imediato, intencional, prático, utilitário, presente na vida cotidiana, a Arte, ou o "fazer *com arte*" (PAREYSON, 1993) se coloca como um outro modo de *fazer* algo para resolver um "sofrimento", portanto também intencional, com a mesma validade da Ciência como um outro modo de compreender a realidade em sua totalidade.

Se desejamos no processo educativo a formação do ser integral (DELORS, 1996), temos de integrar o FAZER AO SER E CONVIVER PARA CONHECER (REZENDE, 2011), temos que compreender qual seria a ação do fazer *com arte*, da formatividade, como o trabalho de aprender no processo de tomada de consciência do Ser e do Ser Social.

Por que o TRABALHO?

Podemos considerar o trabalho como fenômeno original (*Urphänomen*), o **modelo** do ser social, e o esclarecimento de suas determinações proporciona uma imagem clara dos **traços** essenciais que nos parece vantajoso metodologicamente analisar. (LUKÁCS, 2004, p.590 [grifo nosso])

Para G. Lukács, a escolha do trabalho como categoria fundante é apenas uma abstração, pois a socialização, a divisão do trabalho, a linguagem surge, simultaneamente, no transcorrer do desenvolvimento do *MODO* de se trabalhar. "Uma abstração *sui generis*" (*idem*) de caráter metodológico.

O trabalho surge com a reprodução humana, como a primeira grande divisão de trabalho (para a permanência da Vida) entre homens e mulheres e na busca por alimentos (reprodução vital). Ao longo da História, o trabalho se torna cada vez mais complexo.

As demais categorias (divisão do trabalho, linguagem e cooperação) *per si* já possuem um caráter eminentemente social e se desenvolvem a partir do ser social já constituído, por mais primitivo ele que seja.

Apenas o trabalho, entendido enquanto a relação homem-natureza, possui um caráter *transicional* (LUKÁCS, 2004, p.60). A transicionalidade, segundo o psicanalista inglês Winnicott (1978), surge a partir de estudos de crianças abandonadas durante a Segunda Guerra como sendo a maneira criativa que a criança busca para superar simbolicamente o espaço da ausência da mãe. Nenhum talento especial é requerido como condição para ser criativo. Antes disso, a manifestação da criatividade fortalece o sentimento de existência. Isto em função da máxima: “Ser, antes de fazer”, ou seja, para relacionar-se com objetos, o ser humano precisa construir sua identidade e reconhecer a permanência de sua existência. Assim, “ser” e “fazer” relacionam-se de modo que a criatividade seja necessária, não só para resgatar os indivíduos dos estados de desilusão, mas para afirmar a própria existência do sujeito.

Assim, para Lukács o trabalho:

segundo sua essência, é uma interrelação entre o homem (sociedade) e a natureza, seja em seu aspecto inorgânico (através da ferramenta, matéria prima objeto de trabalho, etc.), seja orgânico (trabalho útil que se realiza para a permanência da vida) **na criação de valor de uso**, enquanto produto do trabalho, que o homem tem de aplicar proveitosamente na reprodução de sua existência. (LUKÁCS, 2004, p.59) [grifo nosso]

O trabalho contém todas as determinações que constituem a *essência* do novo dentro do Ser. A começar da teleologia - a capacidade de idealmente projetar o seu fim. "Para que eu desejo fazer isso? Como farei isso?" são indagações de caráter *teleológico*.

O trabalho é central no processo de hominização, segundo Lukács, Marx e Engels. Seu primeiro **instrumento** foram as mãos utilizadas na colheita de frutos. Não se trata apenas de uma adaptação, mas de um salto qualitativo na direção da reprodução "ampliada". Colher plantas para se alimentar é uma **ação intencional**, teleológica. Diferentemente das aranhas ou abelhas que o realizam por instinto, o fazer com as mãos é antes projetado no cérebro, que se realiza ao final do trabalho, e tem um produto: as frutas para comer.

O **trabalho** surge historicamente como meio de luta para manter a existência e que todas as suas etapas são resultados de uma ação autônoma - o **fazer humano**. (LUKÁCS, 2004, p.580) [grifo nosso]

Fazem parte do processo de trabalho, segundo Marx (1975, v. I, p.131): a *atividade adequada a um fim*²(LEONTIEV, 1988, p.88), ou seja o próprio trabalho, seu *objeto* e seus *meios*, enquanto um conjunto de objetos que o homem usa entre ele e o objeto de seu trabalho e servem para formatar sua atividade sobre este objeto. O processo de trabalho culmina no produto, diz MARX (1975):

Seu produto é um *valor de uso*, uma matéria disposta pela natureza e adaptada para atender as necessidades humanas mediante uma troca de forma. **O trabalho penetra e se confunde com o objeto**. Se materializa no objeto, ao passo que este torna-se mais elaborado. O que no trabalhador era um dinamismo, agora é produto plasmado naquilo que é, quieto. O produtor é o tecedor e o produto é o tecido. (p.133)[grifo nosso]

[...] O processo de trabalho é a atividade racional encaminhada para a produção de valor de uso, na assimilação das coisas naturais **a serviço das necessidades humanas** e portanto, independente das formas e modalidades da vida humana e comum a todas as formas sociais. (p.136) [grifo nosso]

Diante disso, Lukács aponta a grande contribuição de Marx quando faz a distinção fundamental entre os homens e as espécies animais: a atividade laboral do homem é livre, intencional, de caráter social e através dela que as suas decisões podem orientar a sua própria existência com autonomia.

No processo de transformação da natureza, na medida em que vai aperfeiçoando os instrumentos para obter os resultados esperados, o homem concretiza sua ideia projetada no pensamento, modificando a realidade objetiva. Ao fazer isso, o homem se coloca em movimento, no processo de desenvolvimento de Si.

² LEONTIEV desenvolveu raciocínio semelhante para definir a estrutura da atividade.

2. O TRABALHO E A TOMADA DE CONSCÊNCIA DE SI E DE SER-PARA-NÓS

Marx delimita o trabalho como *práxis social*. Somente no reconhecimento dos nexos causais das determinações desse processo de agir sobre a realidade que o homem transforma uma casualidade em uma casualidade posta, criando uma nova objetividade. Isto é quando o pensamento teleológico se desenvolve e transforma o nível de consciência do modo de *Ser* (o Ser em-Si) na medida que é preciso ser mais conhecido o *Para-nós* (Ser Social) propiciado pelo efeito teleológico no trabalho.

Só podemos falar racionalmente sobre o ser social se concebemos que em sua gênese, em sua diferenciação de base, em sua autonomização, se baseia no trabalho, o que quer dizer que na realização contínua de posições teleológicas. (LUKÁCS, 2004, p.68)

O trabalho, portanto, está materializado no objeto que, por sua vez, existe para atender a necessidade humana (portanto social). É uma ação racional, intencional, cujas decisões afetam o meio (o contexto) e o Ser em si mesmo.

A determinação da finalidade do trabalho como ontologia do ser social se origina de uma necessidade sócio-humana. Se origina com o "pensamento científico" e sua evolução quando o homem passou a se ocupar em investigar os meios de produção na relação com a superação da necessidade social (LUKÁCS, 2004, p.73). Nesta interação, os meios de produção, os instrumentos, são a chave para conhecer a evolução humana.

A partir das ferramentas³ podemos investigar os modos de vida e inclusive a visão de mundo que quem as utilizava. (LUKÁCS 2004, p.75). "Não sabem, mas fazem", afirmou MARX em "O fetichismo da mercadoria e seu segredo." (1975, vol. I, p.39)

Como consequência do processo de trabalho, emerge na consciência a distinção entre a *realidade refletida* (reflexo da realidade) como condicionante do *fim* e dos *meios* do trabalho. Quer dizer, naquele momento o homem percebe [toma consciência] que *o Que* idealiza como o *Fim* deve ser obtido através de um *Meio*. Quando reconhece, no produto do trabalho humano, os projetos objetivados como resultado daquela ideação projetada, ocorre

³ Segundo Pozo (2000, p.25), cada nova tecnologia correspondeu a uma nova forma do fazer pedagógico, alterando os processos (como se aprende e se ensina) e os resultados (o que se aprende e se ensina) (Rezende, 2004, p.69)

um **distanciamento** entre o homem e os objetos de suas aspirações. Somente neste momento é que ele pode se reconhecer como ser distinto de seu meio num momento de separação entre sujeito e objeto, tomando consciência de *Si* ("fui eu que fiz isso") e consciência de *Ser Para-Nós* ao atender uma necessidade social ("eu fiz isso para atender uma dada necessidade social").

Esta distância (sujeito-objeto) tem que ser suprimida e um novo processo se realiza: a *linguagem* da materialidade da obra estética.

No reflexo da realidade, a reprodução se separa da realidade reproduzida, se cristaliza numa "realidade" própria dentro da consciência. [...] surge uma nova forma de objetividade, mas não uma realidade que, em termos ontológicos, o reproduzido não pode ser semelhante e ainda menos idêntico aquilo que reproduz. Ao contrário. Ontologicamente, o ser social se divide em dois fatores heterogêneos, que se contrapõem entre si enquanto heterogêneos do ponto de vista do ser: o ser e seu reflexo na consciência. (LUKÁCS, 2004, p.83-84).

Esta dualidade - o ser e seu reflexo na consciência - é um fato fundamental do Ser Social. O processo de reprodução é resultado da "reprodução da vida" ou do trabalho.

O reflexo ocupa uma posição contraditória de todo o ser - pelo fato de ser **reflexo** e por isso **não-ser**; por outro lado, é veículo que constitui uma **nova objetividade do ser social**, para a reprodução deste em nível mais alto, através do qual a **consciência que reflete a realidade adquire um caráter de possibilidade**. (LUKÁCS, 2004, p.85) [grifo nosso]

O homem, assim, na concepção de Lukács, é entendido enquanto o conjunto das aspirações representadas pela totalidade social, um ser genérico comprometido com as necessidades do conjunto social. Não podemos conceituar o homem separado de sua comunidade.

Este acontecimento traz em si outras contradições.

O trabalho, ao exercer um papel no reconhecimento da realidade, se constitui no momento único de sua autonomia [por isso Papert afirma a necessidade de devolver o controle do processo de aprender ao aprendiz]. Ao ter de *decidir sobre as alternativas* sobre o MODO DE FAZER para realizar seus fins, o homem o faz, agora, com consciência das determinações da totalidade social, que, por sua vez levam o homem a agir, muitas vezes, com atitudes contrárias a sua própria vontade:

Toda práxis social, se considerarmos o trabalho como modelo, contém em si esse caráter contraditório. Por um lado, a práxis é uma **decisão entre alternativas**, já que todo indivíduo singular, sempre que faz algo, deve decidir se o faz ou não. Todo ato social, portanto, surge de uma decisão entre alternativas acerca de posições teleológicas futuras. A necessidade social só se afirma por meio da pressão (em geral anônima) para que os indivíduos realizem sua decisão de acordo com uma orientação, Marx designa esta situação adequadamente ao dizer que os homens são levados a agir de um modo determinado "sob ameaça de ruína". Mas a realizam embora, em geral, tenham de fazê-la contra suas próprias convicções. (LUKÁCS, 2004, p.41, grifo nosso)

Decidir, escolher é atribuir valor. *Escolher é adicionar valor*. Toda escolha é um ato individual que implica uma avaliação subjetiva, pois resulta de uma opção dentre uma escala de valores e entre várias alternativas. A eleição de uma possibilidade é produto concreto da atividade humana, um momento singular, um ato de liberdade. Um ato ético. Uma escala de valores possui referência social: o **VALOR ADICIONADO** (GATTAZ, 2000).

3. DO FAZER AO SER E CONVIVER PARA COMPREENDER

A cada decisão na realização de produto gera consequências, cujo MODO DE FAZER pode ser apropriado ou ignorado, mas nunca completamente abandonado. Essas consequências propiciam novas evoluções e, para isso, o homem tem que se valer novamente em sua capacidade de projetar e idealizar os meios e de decidir como fazer. Um fazer que é individual e social recursivamente. Um fazer que é processo.

Desafiado pelas demandas sociais, ao agir-refletir-agir, na busca de novos nexos (alternativas), o homem desenvolve novas formas de pensar a que chamamos atualmente de *competências*. Isso vale para o homem que faz e para o organismo social. *De cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades* (MARX, 2000, p.26).

Tomemos o caso concreto de uma fábrica moderna: o modelo (posição teleológica) é elaborado, discutido, calculado por um grupo de pessoas muito antes de ser realidade. A existência material dos homens está baseada em tais modelos, ainda mais quando envolve a produção de objeto. Este modelo teleológico só pode se materializar através de decisão, baseada em alternativas para executá-la e através da execução em si. A decisão torna-se

ainda mais complicada quanto mais se tenta aproximar da posição teleológica que implica um "salto" na possibilidade de tornar aquele modelo realidade.

A socialização das alternativas do MODO DE "FAZER" (da produção, ou de sua *economia*) cobram cada vez mais alternativas diversificadas e diferenciadas. A técnica - enquanto um modelo de alternativa - e a *economia* não podem ser os únicos modos de fazer, a única maneira de tomar decisão. O trabalho, tendo em vista a diversidade de fatores, cada vez mais complexos e heterogêneos, tem de procurar a ciência como instrumento auxiliar, considerando que entre o trabalho e a ciência existirá sempre uma relação desigual. Teleologicamente, a ciência busca conhecer e o trabalho busca fazer.

Na busca de alternativas, o trabalho deve buscar o êxito em sua atividade. Implica realizar o VALOR ADICIONADO. No fazer ciência, o êxito (fim) se orienta continuamente na direção da intenção contida até um *reflexo objetivo* - o conhecimento - e pressupõe eliminar qualquer elemento perturbador como o instinto, as emoções etc (reflexo desantropomorfizador). Para a ciência, os fins justificariam os meios. Dai a predominância consciente do cognitivo sobre o emocional.

Uma das condições objetivas do trabalho, de acordo com o ser, é que só o reflexo correto da realidade, tal como existe em si, independente da consciência, pode consumir a realização da casualidades naturais indiferentes e heterogêneas na perspectiva da posição fim. [...] Esse caráter cognitivo primário das alternativas ontológicas é um fato irrevogável, e é exatamente o *Ser-precisamente-assim* (*Geradesosein*) ontológico do trabalho e pode ser conhecido a margem das formas de consciência. (LUKÁCS, 2004, p.99)

Esta transformação do sujeito que trabalha - a autêntica *hominização* do homem - é a consequência necessária de acordo com o ser, do objetivo *ser-precisamente-assim* do trabalho.

Assim, para Marx (2007, p.53) "não é a consciência quem determina a vida, mas a vida que determina a consciência."

[...] "pois o "espírito" já carrega de antemão consigo a maldição de estar "acometido" pela matéria, que aqui se manifesta sob a forma de camadas de ar em movimento, de sons, em uma palavra, sob a forma de linguagem. A linguagem é tão velha quanto a consciência: a linguagem é a consciência prática, a consciência real, que existe também para os outros homens e que, portanto, começa a existir também para mim mesmo; e a linguagem nasce, assim como a consciência, da necessidade, da carência de intercâmbio com os demais homens. [...] a consciência é, portanto, de antemão, um produto social e seguirá sendo enquanto

existirem seres humanos. A consciência é, em princípio, naturalmente, consciência do mundo imediato e sensível que nos rodeia, e consciência dos nexos limitados com outras pessoas e coisas, fora do indivíduo consciente de si mesmo. [...] a consciência da necessidade de estabelecer relações com indivíduos circundantes é o começo da consciência de que o homem vive, em geral, dentro de uma sociedade. (MARX , 2007, p.53)

O trabalho se constitui, assim, no modo como o homem se coloca como ser em potência, com uma capacidade de adaptação flexível em circunstâncias diferentes, e que, em sentido mais amplo, a consciência continua sendo seu *epifenômeno*.

O trabalho significa um salto na sua evolução, pois esta evolução adaptativa não é mais resultado de circunstâncias naturais, pelo contrário, foram e são decididas pelo sujeito, com autonomia da natureza.

Por outro lado, temos que considerar, ainda, que o homem, ao trabalhar, tem que dominar seus sentimentos: o cansaço (que pela interrupção do trabalho pode lhe causar prejuízos), o medo (de ser morto durante a caça, de ser sabotado, de não fazer bem feito) entre outras emoções que incorporam em sua atitude humana (na busca de melhor ferramentas, por exemplo). Essas decisões, segundo Lukács, resultam em problemas morais e éticos que, por sua vez, o levam a um autodomínio para a realização de um determinado fim.

Nesta perspectiva, podemos fazer o mesmo raciocínio para o trabalho de aprender como o princípio do empoderamento e não podemos pensar tal princípio fora do contexto social.

Assim, podemos falar de trabalho (de aprender) como meio de autocriação do homem enquanto homem: o trabalho (de aprender), com todas as suas contradições, leva ao sentimento de autorrealização, que por sua vez pode ser interpretado fora dos limites naturais, quando o homem passa a ser um novo Ser: o Ser social.

REFERÊNCIAS

DELORS, Jacques (org.). **Educação um tesouro a descobrir**. Relatório para a UNESCO da Comissão internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo: Cortez. Brasília: UNESCO, 1996.

Disponível em:

<http://www.dhnet.org.br/dados/relatorios/a_pdf/r_unesco_educ_tesouro_descobrir.pdf>
(Acesso em: 25/04/2007).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

GATTAZ, Fuad. **O mundo em Processo**. Campinas: Mundo em Processo, 2000.

LEONTIEV, Alexei N. Marxism and Psychological Science.1978. Disponível em:
<<http://www.marxists.org/archive/leontev/works/1978/ch1.htm>>. (Acesso em 28 /08/2010).

LUKACS, Georg. **Estética 1**: La peculiaridad de lo estético Barcelona: Ediciones Drijalbo. Volumes I a IV, 1965.

LUKACS, Georg. **Ontologia Del Ser Social**: El Trabajo. Buenos Aires: Herramienta, 2004.

MARX, Carlos **El Capital**: critica de la economia política. Mexico: Fondo de Cultura Economica. Volume I, 1975.

MARX, Carlos **Crítica ao programa de Gotha**. 2000. E-book Disponível em <<http://www.jahr.org>> . (Acesso em 27/12/ 2010).

MARX, Karl **A ideologia alemã**: Critica da novíssima filosofia alemã em seus representantes Feurbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas, 1845-1846/ Karl Marx e Friederich Engels. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

PAREYSON, Luigi. **Estética**: Teoria da Formatividade. Petrópolis: Vozes, 1993.

PAPERT, Seymour. **Logo**: computadores e educação. 3ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988

PAPERT, Seymour. **A Máquina das Crianças**: Repensando a escola na era da informática (edição revisada). Nova tradução, prefácio e notas de Paulo Gileno Cysneiros. Ed, Rev. Porto Alegre: Editora Artmed, 2008.

POZO, Juan. **Aprendizes e Mestres**: a nova cultura da aprendizagem. Porto Alegre: Artmed, 2000.

REZENDE, F.A. **Desvelando a estética em ambientes construcionistas de ensino e aprendizagem : uma experiência de inclusão de jovens no mundo do trabalho**. Tese. Instituto Artes. Unicamp 2011.

WINNICOTT, Donald W. Objetos Transicionais e fenômenos transicionais. In: Textos Seleccionados – **Da Pediatria à Psicanálise**. Trad. De Jane Russo. Ed. Francisco Alves Editora S.A. RJ, 1978.